

Por uma consulta médica

Falta de atendimento em postos de saúde provocou grande procura de pacientes à emergência do Hospital de Ceilândia

Cibelle Colmanetti
Da equipe do **Correio**

Braulina tem 60 anos e há 12 dias está com gripe forte. A febre continua e a tosse a deixam desanimada, sem forças para o trabalho de casa, na Expansão do Setor O, onde vivem seis de seus dez filhos. A dona-de-casa se preocupa com a doença que não vai embora pois, há três anos, teve pneumonia e precisou ficar internada no hospital.

Manhã de quarta-feira. Braulina Francisca de Oliveira sai cedo de casa para ir ao Hospital Regional de Ceilândia. "Fui a dois postos de saúde, onde me trataram muito mal. Por isso, vim ao hospital", diz a senhora, na fila desde às 8h. Já passa das 10h30 e lá está a dona-de-casa, esperando na ante-sala da emergência do HRC.

Assim como ela, outras dezenas de pessoas se apertam em frente ao balcão de atendimento no pronto-socorro. Por telefone, as atendentes informam que não há profissionais em Clínica Médica. "A primeira ficha é ainda de um paciente que chegou às 5h30", diz uma delas.

Sentado no banco da sala de espera, o aposentado Bertoldo Gomes da Mota, 84 anos completados na segunda-feira, também aguarda atendimento há mais de duas horas. O problema é o mesmo: gripe, garganta inflamada e mal-estar. Morador da QNM 17, ele tem se medicado com as ervas do quintal de casa. Como o resfriado persiste, o jeito é ir ao hospital. "Não sei se tem médico ou não, só sei que estou esperando aqui há um tempão e ninguém me chama", reclama.

Na porta que dá acesso aos consultórios, a recepcionista grita um nome. Avisa que se a pessoa não aparecer será substituída imediatamente. Do lado de fora, a auxiliar de enfermagem Rosângela Aires se revolta. Ela aguarda na fila junto com uma amiga, cuja filha pequena está com princípio de pneumonia. Aos 30 anos, Rosângela foi demitida do programa Saúde em Casa e acusa o fim do projeto como uma das razões para a lotação da emergência do HRC.

"A maioria dos casos aqui é simples, uma gripe, uma dor de estômago, que poderia muito bem ser resolvida no posto de saúde ou por

um programa de saúde. Mas acabaram com o Saúde em Casa e ainda não implementaram o Saúde em Família. As pessoas são obrigadas a vir ao hospital e acabam não sendo atendidas porque não há pessoal suficiente", denuncia a auxiliar de enfermagem.

POUCOS MÉDICOS

O problema da falta de médicos é crônico no Hospital Regional de Ceilândia, mas, segundo o diretor da instituição, Jorge Martins Pitanga, a situação se agravou ontem por causa do ponto facultativo nos postos de saúde e ambulatorios da cidade. Todos estarão fechados de hoje até segunda-feira. "As pessoas que tinham consulta tiveram de recorrer ao hospital, sobrecarregando-o", justifica.

A clínica médica da emergência está dividida em duas partes: a enfermaria, no qual ficam os pacientes que precisam de internação de urgência, e a "linha de frente", na qual as pessoas se consultam e voltam para casa. Para esse atendimento ao público externo, só havia dois médicos na manhã de ontem. O número é insuficiente para suprir a grande demanda. Com uma média diária de 807 atendimentos na emergência, Pitanga acredita que pelo menos metade dos pacientes procure a clínica geral.

Outros dois médicos que deveriam

atender a comunidade foram deslocados para cuidar dos 60 pacientes internados na enfermaria da clínica médica. Com os clínicos ficam seis residentes. Mesmo assim, o acompanhamento de todas as pessoas na internação dura toda a manhã.

Atualmente, há 32 clínicos gerais em todo o Hospital Regional de Ceilândia. Segundo Pitanga, seriam necessários pelo menos 12. A situação dos 11 centros de saúde da cidade é ainda pior. Cinco profissionais atuam nos postos, quando o ideal seriam 49. "A Regional de Saúde de Ceilândia é uma área muito carente. Para desafogar o HRC, precisaríamos melhorar a infra-estrutura dos centros e colocar o programa Saúde em Família em funcionamento", reconhece o diretor do HRC.

Mas ele estima que o problema comece a diminuir hoje, já que três médicos passarão a atuar na emergência em cada turno, um a mais que o verificado ontem. Quem sabe assim Braulina consiga receber atendimento mais cedo. No HRC desde às 8h, ela foi chamada pela recepcionista às 11h30. "Só não demorei mais porque pedi uma força para um conhecido meu que trabalha aqui no hospital. Senão voltaria para casa sem entrar num consultório", diz ela, com o prontuário em mãos. Nele, lê-se a suspeita de pneumonia da dona-de-casa doente há 12 dias.